

“Da esperança-à-desesperança-a-uma-nova-esperança, etc.”: transição, redemocratização incompleta e presentismo nas crônicas políticas de Décio Pignatari (1983-1988)

João Paulo Melão e Silva¹

Orientador: Dr. Reginaldo Sousa Chaves²

Resumo: Nossa artigo oferece uma interpretação histórica aprofundada das crônicas políticas de Décio Pignatari, publicadas entre 1983 e 1987 e posteriormente reunidas no livro *pobdre Brasil!* (1988). Neste estudo, examinamos essas crônicas como uma tentativa de diagnóstico da abertura política e do complexo processo de redemocratização no Brasil após o fim da ditadura militar (1964-1985). Através de uma leitura detalhada desses textos, buscamos compreender os temas centrais que dominaram o debate político e cultural brasileiro durante o período marcado pela “distensão” gradual imposta pelo governo militar, pela luta pela anistia, pela abertura política e, finalmente, pela redemocratização do país. Nossa estudo identifica como Décio Pignatari, em suas elaborações críticas, construiu um presentismo simultaneamente positivo e catastrofista diante do fim do regime militar. Essa dualidade reflete a complexidade e a incerteza que caracterizaram aquele momento histórico, revelando tanto as esperanças de mudança quanto os temores de continuidade ou retrocesso. Ao explorar essas nuances, nosso artigo visa contribuir para uma compreensão mais profunda do papel da literatura na reflexão sobre os desafios políticos e sociais do Brasil naquele período crucial.

Palavras-chave: Décio Pignatari; temporalidade; presentismo.

Introdução

Décio Pignatari (1927-2012), nascido em Jundiaí no estado de São Paulo, foi um poeta, ensaísta, tradutor, publicitário, memorialista e um dos expoentes do Movimento da Poesia Concreta juntamente com os irmãos Haroldo de Campos e Augusto de Campos. Ele publicou *pobdre brasil!* (1988) como recolha das crônicas políticas impressas no jornal *Folha de São Paulo* entre 1983 e 1987. Nestes textos constatamos um esforço de compreensão dos acontecimentos históricos no Brasil do final do século XX.

Vários temas são discutidos entre otimismo e pessimismo: “Da esperança-à-desesperança-a-uma-nova-esperança, etc.” (PIGNATARI, 1988, p. 07) Período histórico marcado por intensas transformações. No âmbito internacional fim da Guerra do Vietnã (1975), início nos anos 1980 da Perestroika e Glasnost na URSS, ascensão do neoliberalismo e fim das ditaduras do Cone Sul. No país assistimos a Anistia (1979), o processo de Abertura (1974-1985), fim da Ditadura civil-militar (1985) e o surgimento

¹ Autor do trabalho. Graduando do VIII bloco no curso Licenciatura Plena em História pela Universidade Estadual do Piauí. E-mail:

² Doutor em História, professor do curso de Licenciatura em História da Universidade Estadual do Piauí, campus de Oeiras. E-mail: reginaldosousa@ors.uespi.br

da Nova República.

Considerando esse arco temporal nossa pesquisa aborda as crônicas de Décio Pignatari e sua tentativa de diagnóstico do seu tempo: “Da agonia da ditadura à Assembleia Constituinte, passando pela febre-de-paráíso que foram as diretas-já e pela febre-de-inferno que foi o triste fim de Tancredo Neves.” (PIGNATARI, 1988, p. 07) Assim, ele foi atravessado pela conjuntura ao mesmo tempo que buscou sua interpretação crítica. Ele buscou interferir nas discussões de seu tempo revelando como foi afetado pelo período pós-ditadura militar com suas contradições, impasses, permanências e rupturas.

Discutimos as crônicas de Décio Pignatari para compreender sua trajetória política, artística e vanguardista, além de apreender os temas fundamentais do debate político e cultural no Brasil durante a “distensão” imposta pelo governo militar. Assim, identificamos sua visão política, ao mesmo tempo, positiva e catastrofista.

Visamos, sobretudo, entender a articulação entre a trajetória de Décio Pignatari, suas crônicas políticas e as temporalidades emergentes no Brasil em uma transição incompleta para a democracia. Deixamos metodologicamente em suspenso o poeta, o ficcionista e o semioticista, destacando em nossa pesquisa o observador da política. Pignatari buscou interferir com seus textos – e, em seguida, com a publicação de *pobre brasil!* (1988) – no debate público. A investigação se apresenta como meio de compreender não apenas um importante intelectual da cultura brasileira. Ela é também oportunidade de explicação da história do tempo presente.

Nesse sentido, selecionamos entre as 89 crônicas de *pobre brasil!* (1988) aquelas que consideramos mais importantes para serem alvo de leitura histórica atenta. Nossa recorte temporal recobre o período de publicação dos textos e do livro, ou seja, entre 1983 e 1988. Utilizamos as discussões de temporalidade de Reinhart Koselleck (2006) e François Hartog (2015). Koselleck apresenta as noções de *horizonte de expectativas* e *espaço de experiências*. Do ponto de vista das sensibilidades coletivas, temos utopias direcionadas ao futuro (*horizonte de expectativas*) e valorização do passado, da tradição, nostalgias (*espaço de experiências*). Hartog propõe a avaliação de que no final do século XX e começo do XXI as sociedades ocidentais experimentaram uma perda de referência do passado e do futuro sendo jogadas no presentismo.

Organizamos nosso artigo em quatro partes. No primeiro tópico, *pobre brasil!*, apresentamos a trajetória intelectual de Décio Pignatari e um panorama das suas crônicas com suas principais características. Em *Diretas Já e Ditadura “desinculpada”* discutimos como, naqueles anos, o poeta refletiu sobre a campanha política que exigia eleições

diretas para presidente e sobre a necessidade de uma política da memória para que a Ditadura não se repetisse. “*Antifesta*” da *Nova República* trata da visão de Pignatari sobre eleição e morte de Tancredo Neves e o Governo Sarney. “*Brasil presente e o presente do Brasil*” aborda a desilusão presentista do poeta em relação às utopias, mas contextualizando-a em meio ao surgimento da hegemonia neoliberal.

Por fim, gostaria de destacar que a presente pesquisa é resultado de minha atuação no Projeto de Pesquisa *Depois da vanguarda: as crônicas políticas de Décio Pignatari (1983-1988)*, iniciado em 2023 sob orientação do Professor Reginaldo Sousa Chaves. Em seguida, aprofundei essa mesma investigação no âmbito do Programa Institucional de Bolsas de Iniciação Científica (PIBIC) na Universidade Estadual do Piauí (UESPI) entre os anos de 2024 e 2025.

podbre brasil!

Décio Pignatari desembarca entre a Abertura e o colapso do regime autoritário depois de longo percurso de atuação intelectual. A partir desse itinerário é possível compreender as crônicas que escreveu. Seu primeiro poema foi publicado na *Revista Brasileira de Poesia* em 1949 e no ano seguinte o livro *Carrossel*.³ Formou-se em Direito pela Universidade de São Paulo (USP) em 1953. Foi, junto com os irmãos Augusto e Haroldo de Campos, criador nos anos 1950 do Movimento da Poesia Concreta, na capital paulista, que defendia uma poesia visual, semântica e sonora em sintonia com o mundo moderno, técnico, urbano e industrial.

Um programa proposto durante o desenvolvimentismo brasileiro do meio do século XX. Assim, o manifesto concretista intitulava-se *plano piloto da poesia concreta* (1956) em alusão ao Plano Piloto de Brasília de Lúcio Costa e Oscar Niemayer do governo Juscelino Kubitscheck (1956-1961). Pignatari acreditava que o Brasil se tornaria

³ Além dessas obras, Décio Pignatari tem autoria de muitas publicações. Poesias: *Poesia Pois É Poesia (1950-2000)* (2004); Infanto-juvenil: *Bili com limão verde na mão* (2009); Romance: *Panteros* (1992); Crônicas: *podbre Brasil* (1988), *Terceiro tempo* (2014); Memórias: *O rosto da memória* (1986) e *Errâncias* (2000); Teatro: *Céu de lona* (2003), *Viagem magnética* (2014); Ensaios: *Teoria da poesia concreta* (1965), *Informação, linguagem, comunicação* (1968), *Contracomunicação* (1971), *Semiótica e literatura* (1974), *Comunicação poética* (1977), *Semiótica & Literatura: icônico e verbal, oriente e ocidente* (1979), *Rio decô* (1980), *Semiótica da arte e da arquitetura* (1980), *Comunicação e novas tecnologias* (1984), *Malacologia e semiótica* (1984), *Signagem da televisão* (1984), *Foto-grafismo* (1985), *O que é comunicação poética* (1987), *Desingn simbólico* (1988), *Tempos da arte e da tecnologia* (1993), *Da janela à não-janela* (1995), *Letras, artes, mídia* (1995), *Biografia: sintoma da cultura* (1997), *Cultura pós-nacionalista* (1998), *Contribuições brasileira ao pensamento comunicacional latino-americano* (2000). Somados às muitas traduções de Ezra Pound, Mallarmé, Marina Tsvietáieva, etc.

moderno, democrático e industrializado. A revista *Noigandres* (1952-1957) foi o veículo de propagação das ideias de poemas do grupo. O mais conhecido poema de Décio Pignatari, *Beba Coca-cola* de 1957, é desse momento (DANTAS; SIMON, 1982, p. 03-07).

No fim dos anos 1950 a crise político-econômica colocou em xeque as ideias de progresso e desenvolvimento. A Revolução Cubana (1959), a renúncia do presidente Jânio Quadros (1961) e o agitado governo de João Goulart (1961-1964) e suas Reformas de Base acirram conflitos ideológicos da Guerra Fria. Nesse momento, jovens de classe média dos centros urbanos aderiram à esquerda em meio às discussões sobre o engajamento (NAPOLITANO, 2001, p. 11-16). Décio Pignatari, desde cedo posicionado à esquerda, realiza com os colegas concretistas o “salto participante” resultando em produções poéticas orientadas por questões políticas. Nesse momento passam a editar a revista *Invenção* (1962-1967) que buscava unir vanguarda e engajamento, (DANTAS; SIMON, 1982, p. 13-14).

Imagen 1: Poema *Beba Coca-Cola* (1957) de Décio Pignatari



PIGNATARI, Décio. *Beba Coca-Cola. Poesia pois é poesia.* (1950-2000). São Paulo: Ateliê, 2004. p. 12.

Contudo, a rejeição dos temas da esquerda ligada ao Partido Comunista Brasileiro – anti-imperialismo, reforma agrária, nacionalismo, etc. – colocavam os concretos em situação suspeita. A defesa do vanguardismo por parte Décio Pignatari o levava a criticar

artistas que insistiam que o avanço da dominação estrangeira, especialmente os membros do Centro Popular de Cultura ligado à União Nacional dos Estudantes (CPC da UNE).

O golpe civil-militar de 1964 deu início a perseguição política, tortura, censura, exílios e mortes. O Ato Institucional de 1968 recrudesceu o regime e impactou de modo traumático a vida cultural brasileira. Notadamente o campo intelectual de esquerda que ficou dividido sobre o combate ao governo repressivo. Havia os que decidiam pela luta armada como solução. Outros, próximos do PCB, optaram pela resistência democrática. Entre o fim dos anos 1960 e início de 1970 surgia ainda a vaga contracultural que criticava a ortodoxia de esquerda colocando em pauta liberdade, experimentação artística, liberação do corpo, desbunde, etc. (NAPOLITANO, 2017, p. 151-198)

Durante os anos 1970 Décio Pignatari irá mergulhar no novo ambiente cultural somando às suas preocupações anteriores problemas ligados aos meios de comunicação de massa, como a TV, e seus possíveis efeitos libertadores. Sua atuação na publicidade em São Paulo o lança nas pesquisas sobre linguagens midiáticas, seja atuando como professor de semiótica ou produzindo filmes experimentais (AGRA, 2017, p. 57-72).

Assim, quando a abertura tem início, Décio Pignatari conta com mais de cinquenta anos de idade. É como intelectual veterano que interpreta os eventos através de experiências acumuladas: vanguardismo, militância política de esquerda e pesquisador dos *mass media*.⁴ No campo político-econômico as transformações foram profundas:

A década de 1980 foi uma época de transição econômica e política no mundo e no Brasil. Nesse período, o impacto das tensões acumuladas com o fim do crescimento acelerado do pós-guerra, como resultado das crises de 1970, provocou uma onda choque que alterou o cenário nos países desenvolvidos, nas economias socialistas do Leste Europeu e China, e, é claro, provocou efeitos profundos na imensa periferia mundial. [...] A Guerra Fria acabou, com a vitória norte-americana e o fim dos regimes socialistas. Além disso, adquiriu força e também se afirmou no mundo acadêmico e nas posições de direção técnica nas organizações internacionais uma nova doutrina liberal extremamente militarizada e articulada, que veio a ser chamada de neoliberalismo (PRADO; LEOPOLDI, 2018, p. 74-75).

O horizonte histórico que apontava para o futuro desenvolvimentista ou socialista e mesmo a conjugação de ambos, como no caso de Pignatari, entrou em desgaste.

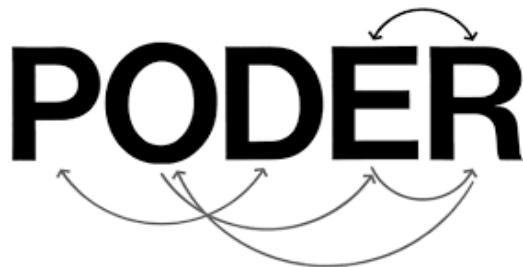
É nesse contexto que Décio Pignatari publica suas crônicas políticas, depois reunidas no livro *podbre brasil!* em 1988. Sabemos que *podbre* é uma palavra-valise, ou seja, uma justaposição de partes de vocábulos formando um terceiro termo que condensa

⁴ No momento em que inicia a coluna tem 56 anos, quando encerra contava com 60.

vários significados: Pode Brasil, Poder Brasil, Pobre Brasil, Podre Brasil. O título do livro também remete ao poema, citado por Pignatari, *Poder* (1977) de Villari Herrmann, escritor ligado ao movimento da poesia visual brasileira das últimas décadas do século XX.

Segundo o crítico Omar Khouri, o poema foi entregue “de-mão-em-mão” para anunciar “o fim (que ainda demoraria alguns anos) da ditadura militar”. Assim, as indicações de leitura “emprestam à peça uma dinâmica” a partir de uma “única palavra, que poderia fazer parte de um cartaz comum ou de um desses grandes cartazes de rua.” A “palavra PODER (substantivo e/ou verbo), soberana, toda em caixa-alta e setas indicativas de alternância da ordem das letras que a compõem” remetem a “PODER, PODRE, DEPOR, ROER etc.” ou “DEPOR PODRE PODER” (KHOURI, 2016, p. 29). Trata-se, portanto, de um mesmo contexto histórico para os sentidos derivados de *pobre* do livro de Décio Pignatari.

Imagen 2: Poema *Poder* (1977) de Villari Herrmann



KHOURI, Omar (2016) *Non multa sed multum: parcimônia e prodigalidade na obra de Villari Herrmann*. **Revista Gama, Estudos Artísticos**. ISSN 2182-8539, e-ISSN 2182-8725, 4 (7): 24-33. p. 29.

O mundo que era contemporâneo de Décio Pignatari é visto por ele de perto e com senso crítico. Por um lado, o período situado entre 1970 e 1980 parecia promissor: derrocada dos fascismos tardios de Portugal e Espanha, encerramento da Guerra do Vietnã e fim das ditaduras na América Latina. O protagonismo dos subalternizados em seu esforço de redemocratização “por baixo” contrariava aquele que ocorria sob condução dos militares. As iniciativas são marcantes: greves operárias do ABCD paulista e o Novo Sindicalismo, surgimento do Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra (MST) (1984) e do Partido dos Trabalhadores PT (1980), “os diversos movimentos sociais que

nos anos 1980 lutaram por direitos, como negros, as mulheres, os indígenas, os povos das florestas, os homossexuais.” (FERREIRA, 2018, p. 65)

Porém, no Brasil o fim da sucessão de governos antidemocráticos ocorreu com militares tutelando a abertura e impedindo mudanças que concretizassem a democracia. A Nova República nascia contaminada resultando em uma transição que deixou legado autoritário. Era, portanto, um novo cenário que se apresentava:

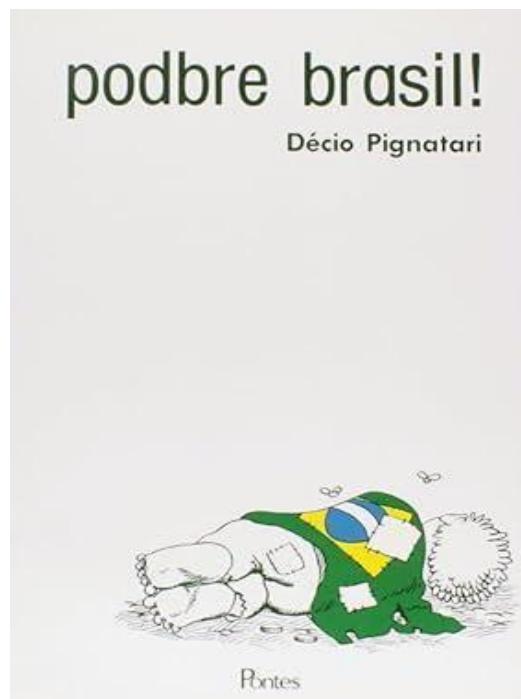
No decorrer dos anos de 1980, as lutas sindicais no Brasil, a campanha pelas diretas-já, o fim da ditadura no início de 1985, a convocação da Assembleia Nacional Constituinte, a legalização dos partidos comunistas, o crescimento do PT e outros fatores ainda mobilizaram certo imaginário da revolta e da revolução, mesmo que já distinto daquele dos anos de 1960: destacavam-se correntes de esquerda que buscavam contato com a realidade imediata das vidas cotidianas e com as lutas dos movimentos sociais por direitos de cidadania, contra a visão doutrinária fechada de certas vertentes do marxismo. Por outro lado, o cenário internacional desfavorável, com o avanço do neoliberalismo, o domínio conservador simbolizado na dupla Reagan-Thatcher e no pontificado de João Paulo II, a crise da revolução nicaragüense, a Glasnost e a Perestroika na União Soviética, que culminariam com o fim do socialismo no Leste Europeu, e internamente a derrota dos candidatos de esquerda Brizola e Lula, nas eleições de 1989, parecem ter selado a sorte da velha estrutura de sentimento (RIDENTI, 2005, p. 103).

É esse tempo o alvo das crônicas políticas de Décio Pignatari. Um dos problemas fundamentais de *pobre brasil!* (1988) é a experiência histórica das temporalidades. Nos anos 1980 entraram em crise, entre os intelectuais, as formas de imaginar um tempo que vai em direção ao futuro da mesma forma que a modernidade havia deixado de tomar o passado modelo. O presentismo, ausência das referências da Utopia e da Tradição, aparece de modo constante nas crônicas de Pignatari (HARTOG, 2015, p. 140-149). Às vezes celebrando o fim da “ideologia projetada”. O “já” das “Diretas-já” seria uma pista desse novo tempo (PIGNATARI, 1988, p. 31-33). Em alguns textos ele ensaiaria lampejos de anseio por um futuro melhor.

Essencialmente poeta, Décio Pignatari começa a partir de 1970 a experimentar a prosa. Pública *Rosto da memória* (1986), *pobre brasil!* (1988) e o romance *Panteros* (1992). As crônicas – como relatos de um tempo vivido no cotidiano e com voz narrativa explicitada – entram na vida cultural do Brasil no século XIX (SIEBERT, 2014). Entretanto, Pignatari se revela um cronista em que o poeta volta à prosa deslocando

sentidos e tornando um gênero que, em tese, seria transparente em um texto de várias camadas de significação.⁵

Imagen 3: capa do livro *pobre brasil!*



PIGNATARI, Décio. **pobre Brasil!** São Paulo: Pontes, 1988.

O que Pignatari disse em 1990 a propósito de suas traduções de Dante, Shakespeare e Goethe podemos aplicar as crônicas:

Dependendo da situação, através da linguagem-túnel-do-tempo, ora levo o leitor mais para lá (passado), ora mais para cá (presente). Talvez, assim, possa ele chegar um pouco mais a linguagem, possa linguagem chegar-se um pouco mais a ele, signo/vida. E possa um tal presente instigar um futuro. (PIGNATARI, 1990, p. 13)

Por isso, em *pobre brasil!* “as idéias não deixam a escritura em paz e a escritura não está a fim de apascentar ideias, mesmo levando-se em conta o fato de que são mensagens para um público relativamente grande.” São muitos os motivos criativos utilizados por Pignatari defendidos da seguinte maneira:

Não gosto muito de tratar de um único tema, coerente e pacificamente, numa coluna. Sei que não é muito jornalístico. Sei também que, às vezes, é preciso

⁵ Para acessar algumas camadas dos textos de D. Pignatari e identificar vários personagens, fatos, datas, expressões, termos, etc. que são aludidos, consultamos a *Wikipédia*, a página da web do Senado Federal e o *Dicionário online Aulete Caldas*.

quebrar o automatismo da leitura do leitor. Para que ele não preveja tão facilmente o fim da argumentação. Para que permaneça num certo desassossego. Inseguro. Inquieto. E pense. (PIGNATARI, 1988, p. 92)

Dessa maneira, ele realiza uma transformação na linguagem da crônica: uso de paronomásias⁶: “Ordem e Regresso, Ordem e Regressão, Ordem e Recessão, Ordem e Retrocesso”; emprego de palavras-valise (“esquerdofrenia”); transforma substantivos e adjetivos em verbos (“classemedianizar”); recicla as palavras para criticar a retórica política a exemplo da ênfase que deu ao cargo de Mauro Salles, publicitário de Tancredo Neves, que era “secretário especial para Assuntos Extraordinários” (PIGNATARI, 1988, p. 34).

Décio Pignatari apresentou e organizou os textos em ordem cronológica tal como foram publicados na *Folha de São Paulo*. Contudo, os separou em cinco temáticas precedidas de uma nota introdutória. *A morte do poder* discute o fim da ditadura e as tensões que acompanharam seu desfecho. *O poder da morte* apresenta o clima de conspiração política e desesperança com a morte de Tancredo Neves e a posse na presidência do seu vice José Sarney. *Pequenas esperanças*, revela um pouco de otimismo com a Nova República para logo surgir uma série de críticas ao governo civil. *Pacto, pacote: o paraíso por decreto* centra atenção nos planos econômicos do governo Sarney e a crise que desencadearam. *O sonho que não houve* revela desalento diante dos novos tempos pós-Abertura.

Assim, é possível perceber uma coerência relativa a um trabalho de desilusão quanto à possibilidade de um futuro esperançoso no período pós-Abertura sob a forma de um presentismo: um mundo sem passado e futuro (HARTOG, 2015, p. 140-149). Depois, uma leitura política da lenta agonia da Ditadura Militar. Em seguida, um conjunto de considerações que retrata uma espécie de suspensão do tempo com a não-posse de Tancredo Neves em 1985. Há ainda vários textos que remetem para as poucas e pequenas esperanças. Por fim, um leque de observações sobre o Governo Sarney.

Diretas Já e Ditadura “desinculpada”

⁶ Recurso estilístico que utiliza palavras que têm pronúncia e escrita semelhantes, mas significados diferentes.

Com os suspiros de uma geração é que se amassam (prepara-se a massa) as esperanças de outra.

(Machado de Assis, o Homem da Porta Garnier, citado por Décio Pignatari in O Pacheco e o Janjão, *Folha de São Paulo*, 4 de janeiro de 1985)

O conjunto dos textos publicados na *Folha de São Paulo*, possuem uma importante característica: estão saturados de referências ao presente da Abertura e da Nova República, à Guerra Fria e aos conflitos geopolíticos internacionais. Refere-se a variados tempos históricos, geográficos e ao passado do próprio Décio Pignatari. E mais destacadamente a um dos problemas daqueles anos: a longa transição do regime militar para uma democracia produzia uma sensibilidade de um tempo longo e arrastado que teimava em não concluir. O regime de exceção militar sempre parecia querer retornar e pôr fim à transição incompleta.

A elaboração nas crônicas de Décio Pignatari dessa sensibilidade em torno do fim prolongado do regime autocrata pode ser identificado na maneira como abordou a Campanha das *Diretas Já* (1983-1985): movimento político de partidos, sindicatos e movimentos sociais que exigia a realização imediata de eleições diretas para presidente da República. A campanha, com vários comícios pelo Brasil, se fortaleceu com a Proposta de Emenda Constitucional Número 5 que pretendia restabelecer a escolha do presidente por meio de voto direto, extinguindo o Colégio Eleitoral. A proposta foi apresentada pelo deputado federal Dante de Oliveira, ficando conhecida como Emenda Dante de Oliveira. A PEC Nº 5 não foi aprovada gerando frustração, mas fortaleceu a redemocratização. Vale ressaltar que com a derrota, alguns grupos políticos consideraram que não havia como as oposições tirarem as Forças Armadas do poder pelo enfrentamento direto (FERREIRA, 2018, p. 27-28).

Décio Pignatari cobriu em suas crônicas todo o desenrolar das *Diretas Já*. Em *Lembranças de um 25 de Abril* ele reflete sobre a derrota e como isso afetou a população brasileira. Pois foi gerada uma grande expectativa em torno da Emenda Dante de Oliveira. As movimentações em diversas capitais do país eram grandes e carregavam o lema, mas infelizmente a emenda havia sido rejeitada:

O regime pardo de Brasília, comandado pelos cavalarianos do apocalipse, acaba de conquistar mais cem anos de solidão para as forças armadas do Brasil,

graças a estupenda vitória alcançada contra o povo brasileiro neste 25 de abril, o nosso dia de cravos negros. (PIGNATARI, 1988, p. 34)

A crônica explicita a decepção não só de Pignatari, mas do país inteiro que compartilhava aquele fatídico dia de 25 de abril de 1985, data em que a Emenda Dante de Oliveira foi rejeitada pela Câmara de Deputados.

Em segunda, Décio Pignatari reflete sobre um aprendizado da população brasileira em relação ao poder. Talvez com a atual derrota a nação tenha aprendido mais sobre a justa representatividade do poder. Ao nomear os militares como “cavalarianos [cavaleiro ou vendedor de cavalos] do apocalipse” o poeta se refere tanto aos episódios de corrupção divulgados na época, como portadores do fim do mundo. A Expressão “cem anos de solidão” é referência ao romance homônimo de Gabriel García Márquez de 1967. A menção a “dia de cravos negros” cita a Revolução dos Cravos de Portugal de 25 de abril de 1974, mesmo dia da derrota das *Diretas Já* na Câmara dos Deputados. Porém, aquela foi vitoriosa levando ao fim da ditadura fascista portuguesa enquanto a campanha brasileira não foi bem-sucedida.

Décio Pignatari então alerta:

Cidadão: jamais se esqueça dos episódios que você acaba de presenciar: faça-os imprimir a raio laser na mente e no coração: faça-os imprimir numa cartilha da Opressão no Brasil, em milhões e milhões de exemplares intitulados, durante centenas de anos, até que se transforme em poeira cósmica aquilo que um dia foi chamado de população brasileira. (PIGNATARI, 1988, p. 35)

Faz ainda uma advertência para a classe média:

E aí está outra lição, especialmente para a classe média hoje aliada das classes trabalhadoras na luta pela proclamação desta nova independência: é mais fácil contrair um câncer do que do que extirpá-lo; é mais fácil apelar para uma ditadura, num momento de temor e fraqueza do que acabar com ela (PIGNATARI, 1988, p. 35).

O apelo a uma política da memória está presente no próprio título, *Lembranças de um 25 de Abril*. É constante nas crônicas um dever de não esquecer para que esse governo opressor não se repetisse: “Tudo deve ser feito para que não ocorra a Terceira Grande Ditadura [a primeira do Estado Novo Varguista (1937-1945), a segunda dos militares (1964-1985)].” (PIGNATARI, 1988, p. 77) Pois, “se tivermos aprendido a lição, ficaremos de pé, logo adiante. Nem que seja numa perna só.” (PIGNATARI, 1988, p. 90)

Diz enfático: “Lembre-se: jamais os militares hão de implantar outra ditadura neste país!” (PIGNATARI, 1988, p. 35)

Outro aspecto presente neste texto que é comum nas outras crônicas é a combinação de otimismo e pessimismo. Mesmo diante do fracasso ele afirma: “é provável que a nação derrotada tenha aprendido mais nestes seis meses de campanha pela justa representatividade do poder do que em toda a sua história quase-independente”. O tom esperançoso pouco aparece, pois ele diz: “De vez em quando, por intermitências, em meio ao pesadelo, pinta, por pedaços, farrapos, fragmentos, restos, o Sonho Brasileiro.” (PIGNATARI, 1988, p. 34)

Mas, com mais frequência, surge a sentimento de fracasso da redemocratização, chegando a afirmar:

concluo que para alguma coisa está contribuindo o cínico domínio dos militares sobre o povo brasileiro nestas duas décadas: estamos deixando de ser otimistas. Povo otimista é subdesenvolvido. É preciso ser pessimista. O pessimista não se deixa engrupir e aprende a distinguir o valor e a qualidade das coisas e das pessoas (PIGNATARI, 1988, p. 65).

Assim, no conjunto das crônicas de *podbre brasil!* (1988) podemos observar uma tomada de consciência do problema histórico do processo da Abertura não como ruptura completa entre o regime ditatorial e o regime democrático que se iniciava.

Décio Pignatari leva em conta as figuras políticas que conduziram essa passagem. A mudança do poder para os civis seria, como o título de uma das crônicas aponta através de paronomásia, “Transição, transigênciam e transação” (PIGNATARI, 1988, p. 75). De fato, “é comum definir o processo como *Projeto Geisel-Golbery* [dos Presidentes Ernesto Geisel e do Chefe da Casa Civil Golbery do Couto e Silva] como distensão ‘lenta, gradual e segura’” sob controle dos militares e que durou mais de dez anos entre 1974 e 1985 (FERREIRA, 2018, p. 29).

Décio Pignatari via uma continuidade entre o regime de exceção e a Nova República: “as anomalias da *Post New Republic* [...] está provocando no nobre povo brasileiro a abulia e o sonambulismo do governo, dos governantes e de todos os seus familiares” (PIGNATARI, 1988, p. 157). Ele afirma ainda: “Neste país, as ditaduras não caem, mas simplesmente passam para os regimes ‘democráticos’ seguintes.” (PIGNATARI, 1988, p. 297) Avaliação, como veremos, muito presente na maneira como ele discute a eleição de Tancredo Neves em 1985.

Para Décio Pignatari a falta de ruptura completa entre a nascente Nova República e Ditadura também se devia à não punição dos militares. Em duas crônicas ele compara o processo de abertura no Brasil e Argentina. Em nosso país os golpistas das Forças Armadas não foram responsabilizados pelos seus crimes enquanto os militares argentinos tiveram punição no restabelecimento da democracia. Em *Cinco anos em um e Verde-oliva desbotando?*, de 16 e 23 de abril de 1984, ele diz assistir com inveja pela TV o “depoimento do escritor argentino Ernesto Sábato, encarregado de presidir a comissão de inquérito sobre as violências contra os direitos humanos a comando, ou com anuência, da súcia de ditadores militares que oprimiu e deprimiu o país vizinho”, entre 1974 a 1983, onde “os desaparecidos podem chegar a 10 mil” (PIGNATARI, 1988, p. 23).

Segundo a avaliação de Décio Pignatari faltou ao nosso processo histórico brasileiro um evento como a Guerra das Malvinas (1982), confronto armado entre Argentina e Reino Unido pelo controle das ilhas Malvinas, Geórgia do Sul e Sandwich do Sul. Ela teria sido responsável por deixar “desmoralizada e suja de sangue das alturas de sua insânia de miniapocalipse” os militares argentinos. Com a anistia e o domínio autoritário da redemocratização, “os fardados” brasileiros não correriam riscos, “desinculpados das negociações”, “não enfrentando mais riscos de inquéritos, processos e devassas” (PIGNATARI, 1988, p. 24).

Embora o argumento da necessidade de um evento detonador que mostrasse a incompetência e os crimes das “troglodíticas hostes verde-oliva” (PIGNATARI, 1988, p. 27) não seja sustentável, a conciliação extorquida, como defende Jeanne Marie Gagnebin (2010, p. 185), cobrou historicamente seu preço. A transição com a Lei da Anistia de 1979 impôs um bloqueio à punição dos crimes cometidos durante o regime militar: corrupção, perseguição, exílio, tortura, prisão, sequestros, desaparecidos e mortos. Um problema que podemos encontrar em nosso presente: “O silêncio sobre os mortos e torturados do passado, da ditadura, acostuma a silenciar sobre os mortos e os torturados de hoje.”

“Antifesta” da Nova República

Inconformados com os rumos da abertura política, grupos militares, sobretudo integrantes da comunidade de informações, adotaram métodos terroristas. Cartas-bombas mataram e mutilaram pessoas, bancas de jornais foram incendiadas, o bispo de Nova Iguaçu foi sequestrado e espancado. O auge do

terrorismo militar foi a tentativa frustrada de matar milhares de jovens no show em um pavilhão no Riocentro, no Rio de Janeiro (FERREIRA, 2018, p. 32).

Esse era o clima social e político durante o processo de abertura: tenso, crítico e incerto. O controle exercido pelos militares continuava e a derrota da Emenda Dante de Oliveira mostrava as dificuldades enfrentadas pelos setores civis liberais e trabalhadores dos movimentos sociais e sindicatos. As eleições do Colégio Eleitoral colocaram em lados opostos o candidato dos militares, Paulo Maluf do PDS, e Tancredo Neves e seu vice José Sarney, do PMDB, representando parte das forças políticas dos civis. Depois de realizar uma série de alianças para viabilizar seu triunfo, Tancredo Neves é eleito em 15 de janeiro de 1985 (KINZO, 2001, p. 07). Todos os percalços da conquista da vitória e a morte do presidente eleito foram retratados nas crônicas de Décio Pignatari.

Contra a expectativa de retorno da democracia, *podbre brasil!* apontava o resultado das eleições como negativo em razão das conciliações que foram feitas:

Traduzindo em miúdos claros: Tancredo Neves tem a chance de mostrar-se e demonstrar-se um grande homem de governo, que soube somar e aprender ao longo de quarenta anos de cargos públicos, isto que nós chamamos de Brasil – ou um simples fisiológico que vai entrar como figurinha fácil no álbum escolar dos presidentes olvidáveis do Brasil. Este governo pode não ser de transição. Por razões diversas: uma medíocre, outra grandiosa (PIGNATARI, 1988, p. 96).

Pignatari também trata dos receios coletivos diante dos desencontros de informações sobre o estado de saúde de Tancredo Neves, diagnosticado com apendicite. Um clima de conspiração aparece nas crônicas. Em *Um país com nó nas tripas*, publicada sete dias depois da data prevista da posse do novo presidente civil, marcada para 15 de março de 1985, ele critica o “clima desconfiança”: “Escondendo nomes, ocultando a própria doença, [Tancredo] acabou contaminando todos com a epidemia de sonegação de informação. Resultado: a nação está paralisada desde as eleições de 15 de novembro, sem programa de ação.” (PIGNATARI, 1988, p. 125)

Esse tempo da indecisão levou Décio Pignatari a afirmar: “[é] como se estivéssemos em clima de golpe (outra vez!).” Havia o temor de que os militares pretendessem interromper a redemocratização. Aquela seria uma “hora de incertezas, dificuldades e confusões, quando a democracia brasileira renasce das cinzas”. Ele via um impasse “quando a precedente, autoritária e corrupta” Ditadura dos militares “não pôde sair do palco porque a Nova República não saiu dos bastidores.” (PIGNATARI, 1988, p. 128-133)

No dia 21 de abril de 1985, quando a imprensa noticiou o falecimento de Tancredo Neves, Décio Pignatari pergunta no título de uma crônica, *O povo gorou?* Para ele, o Brasil teria sido “Jogado da festa da praça pública para a antifesta do cemitério, com passagem pelo branco túnel do tempo e do destino”. O “povo parece ter pensado: ‘Ele era dos nossos: como a gente, ele também não chegou lá.’” Era o que chamou de “não-posse” em que as “diretas-já” viraram “diretas-jazem” (PIGNATARI, 1988, p. 13-137).

Com o falecimento de Tancredo Neves assumiu seu vice José Sarney que presidiu o país de 1985 a 1990. A origem política do novo presidente accidental, antigo líder do PDS, partido dos militares, eram suspeitas para Décio Pignatari. A posição do poeta era de realização imediata de novas eleições. Seu maior receio era a já citada continuidade entre o regime militar e democrático: “o novo chefe de governo entronizado indevidamente e de modo suspeito com a pseudoleimagna [Constituição de 1967] gerada nos intestinos da ditadura militar”. Para ele, “Sarney e [João Batista] Figueiredo [ditador entre 1979 e 1985] eram vinhos da mesma pipa – metade fardada, metade à paisana” (PIGNATARI, 1988, p. 146-154).

O episódio da censura ao filme do cineasta francês Jean-Luc Godard, *Je Vous Salue, Marie*, em 1985 no governo Sarney levou Décio Pignatari a alertar sobre o “crime de sela-liberdade e lesa-cultura”. O que seria reflexo “das leis da podre ditadura só aparentemente extinta.” (PIGNATARI, 1988, p. 208-219) Esse temor está registrado em *Ai de ti, Weimer* onde trata da primeira eleição direta para prefeito da Nova República em 1985. Seu receio era que na cidade de São Paulo fosse eleito Jânio Quadros, figura populista controversa que já havia sido presidente em 1961.

Para Pignatari a vitória de Jânio Quadros seria uma regressão ao estado de cerceamento das liberdades do regime militar:

Ai de vós, políticos hipócritas, incompetentes e irresponsáveis – ai de vós, de nomes Sarney, Ulysses, Magalhães, Maciel, Montoro, Cardoso, Lula, Maria Luísa – enquanto prosseguis com vossas pregações melífluas, demagógicas ou hidrófobas, mal saídos das trevas da ditadura e embriagados de luz neorepublicana, os seguidores do aiatolá Jânio Lincoln da Silva Hitler tramam na escuridão da neoditadura de Piratininga o incêndio do Reichstag! [...] Ai de ti Brasília das mordomias e dos empregos em cascata, voarão pelos ares os alicerces de teus palácios, como balões pós-Niemeyer; - Ai de ti, presidente Sir Ney Hindenburg, que não conseguiste reduzir os gastos públicos senão em pouco mais de 1% e que só pareces posar para figurinhas presidenciais das cartilhas, a tua complacência passará à história como signo fatídico que anuncia a derrota dos fracos. (PIGNATARI, 1988, p. 202-203)

O tom bíblico e irônico da crônica compara a República de Weimar (1918-1933) e o Brasil, pois trata-se do governo alemão que antecedeu o Terceiro Reich. A “neoditadura de Piratininga” sendo o governo municipal recém instalado e Jânio o equivalente a Hitler. A citação da conspiração do *Reichstagsbrand* funciona como alerta do risco de um golpe contra a democracia tal como ocorreu na Alemanha em 1933.

O presidente José Sarney estaria para Hindenburg, o presidente tolerante com os nazistas até o ponto em que estes tomaram o poder. A referência que servia de alerta era tanto bibliográfica quanto fincada no espaço de experiência de Pignatari. O fim da Segunda Guerra o alcançou quando tinha apenas dezoito anos (PIGNATARI, 1988, p. 10). A rápida menção a Jânio como aiatolá não é gratuita. É menção dirigida ao leitor para que recorde a Revolução Iraniana (1979) que levou à teocracia autoritária comandada por Ruhollah Khomeini.

As crônicas de Décio Pignatari criticaram o novo governo até o encerramento da coluna na *Folha de São Paulo* em 1987. Para ele, José Sarney era “um presidente superretórico, que faz mais discursos em um ano do que dez professores de oratórias no mesmo período” (PIGNATARI, 1988, p. 242). Vários textos trataram das desastrosas políticas econômicas federais, como a do Plano Cruzado de 1986 que congelava os preços, transformava a moeda cruzeiro em cruzado e indexava os salários à inflação. Pignatari diz: “Ver-se-á que se tratou de um falso impacto – e de um verdadeiro pacto (sem consulta ao outro pactário...). O pacotão é um punhado de areia nos olhos da brava gente brasileira”. O sucesso inicial logo resultou em grave crise de inflação, levando o poeta a afirmar que não existe “paraíso por decreto” (PIGNATARI, 1988, p. 236-243).

Em uma crônica de balanço de período, data de 20 de abril de 1986, intitulada *As neves de antanho*, Décio Pignatari não esconde sua frustração em razão da “não-posse” de Tancredo Neves e sua rejeição do governo Sarney. Ele reflete:

Às vezes tenho a impressão de que existe uma espécie de acumulação primitiva do capital sentimental. Quando o dínamo das aspirações de massa é alimentado pela cascata da esperança, a energia gerada não se esgota tão facilmente, não se detém ou esmorece ante as primeiras resistências e tropeços, buscando as mais diversas válvulas de escape, manifestação ou expressão, como a libido freudiana. Com o degelo político, as neves do Tancredo anunciaram revolucionárias avalanches de mudanças, derretidas pela energia polar do povo que iluminou as praças pelas diretas-já. Frustrou-se esta pelo cambalacho militar-congressual, do qual não estiveram ausentes nem o quase-presidente de há um ano, nem o súbito presidente atual; frustraram-se aquelas pelo destino cruel que reendereçou as águas de março para o túmulo dos pactos, em lugar de carreá-las para as turbinas dos verdadeiros impactos. E assim que se congelaram os preços, a energia de um povo ignorante e enganado, que não

mais acredita em futuro mas apenas em aqui-e-agora, irrompeu para dentro dos supermercados e quitandas. (PIGNATARI, 1988, p. 235-236)

Pignatari refaz o caminho até aquele momento: *Diretas Já*, eleição e morte de Tancredo Neves, posse do presidente Sarney com seus pacotes econômicos. Reencontramos o tema da oscilação entre esperança e pessimismo. Porém, chamamos atenção para a avaliação de que o “povo” “não mais acredita em futuro mas apenas em aqui-e-agora”. Esse é um tema constante, a descrença no horizonte de expectativas.

“Brasil presente e o presente do Brasil”

[...] o filósofo matemático Alfred North Whitehead dizia que enaltecer o passado às custas do presente pode significar, para o futuro: a ordem e progresso dos defuntos. Talvez por isso, pelo descrédito dos grandes esquemas futuristas e futurológicos, que, no fim, acabam redundando em sistemas de controle, estejamos assistindo à ressurreição dos pequenos grupos, dos projetos limitados e factíveis, das produtoras independentes em rádio e tevê, da tendência geral à descentralização, da arte amadorística do perecível e gratificante, do ensino tipo aqui-e-agora, dos micros em ambiente soft (almofadas em lugar de móveis), da primeira poética da televisão que é o *videoclip*, do deslocamento do acento do emissor para o receptor, das diretas já. Chega dessa história de Brasil Grande-País-do-Futuro, cujo projeto geral se transformou num montuoso-himalaia de pacotes, casuismos e corrupção, para vexame secular das Forças Armadas, que não podem almejar um destino de grandeza sem o apoio do povo real de agora. Queremos o Brasil presente e o presente do Brasil, aqui, agora e para todos. (PIGNATARI, 1988, p. 33).

No fim dos anos 1980 Décio Pignatari já dava como diagnóstico o fim das utopias no momento em que todo “mundo discute o ‘pós-moderno’” (PIGNATARI, 1988 [1987], p. 295). Ele dizia: “Começam a ruir os grandes sistemas: os jovens já não aceitam o mundo enquadrado dentro de um sistema ideológico e teleológico que aponta para saídas pseudoparadisíacas. Explode a cultura *pop*. ” “A era pós-moderna” estava sendo “etiquetada e arquivada e estudada” (PIGNATARI, 1998 [1990], p. 41).

Acompanhando as crônicas escritas para a *Folha de São Paulo* durante essa década é possível notar o desenvolvimento dessa avaliação que ele via como um dado daquele final do século XX. Desta forma é preciso entender sua posição no contexto da reorientação dos intelectuais de esquerda no Brasil desse período.

Uma parte da esquerda estava em ebulição não mais movida pelo grande sonho socialista, mas pela luta por cidadania e democracia no período de abertura política com alianças com movimentos sociais e sindicais. Seu papel era de aliado do trabalhador e não

o de guia. Momento simbolizado pela criação do Partido Trabalhadores (PT) em 1980. Ao mesmo tempo, os intelectuais de esquerda entraram na indústria cultural, como a Globo, substituindo o “modelo” do artista em luta contra o capitalismo (RIDENTI, 2005, p. 106). Décio Pignatari, como citado, trabalhou na área de publicidade e propaganda.

É possível identificar que Pignatari permaneceu atado a algumas de suas convicções dos anos 1950 e 1960. Ele possuía a crença desenvolvimentista no poder emancipador dos processos industrializantes como solução para os problemas brasileiros. A indústria nos daria o “internacionalismo do proletariado” (PIGNATARI, 1988, p. 29). Mesmo sendo um homem de esquerda, ele achava que éramos capitalistas de menos e não demais. Entre a “foice (campo)” e o “martelo (indústria)”, ele escolhia o último. Por isso ele se colocava contra “as cabecinhas pré-industriais dos Romano, dos Gullar, dos R. Schwarz, que pretendem reequer-se de novo, ressentidos com o fato de o seu tempo já ter passado” (PIGNATARI, 1988, p. 290).

Sua filiação à esquerda desde os anos 1950 o fazia crítico da esquerda contracultural a exemplo de sua denúncia dos “clichês blatávicos de subculturas orientalizantes” (PIGNATARI, 1988, p. 179). Mas, também denunciava o Partido Comunista Brasileiro que, para Pignatari, era apegado a uma idealização do trabalhador do campo. Os membros do PCB seriam ligados ao “nacionalismo dos esquerdofrênicos” que acredita no “lupenzinato” do “eldorado cor-de-rosa” (PIGNATARI, 1988, p. 213-14).

Vale ressaltar que Décio Pignatari via com suspeitas o PT por sua ligação com as comunidades eclesiásticas de base (CEB) e a teologia da libertação. Para ele toda aproximação com a religião ou a Igreja por parte do intelectual seria condenável. Segundo o poeta, “o maior partido socialista da América Latina, hoje [1986], tem a sigla IC: Igreja Católica.”. Por isso, os “comunistas ignaros” teriam se rendido às “CEB’s... ou as sedes de outros partidos... Desmoralizados o ideal e a ideologia comunistas das fases heroica e pós-heroica, escancararam-se as porteiras do liberalismo democrático capitalista. E agora, o que fazer?” (PIGNATARI, 1988, p. 282).⁷

Contudo, para Décio Pignatari, naquele desiludido final de século, o desenvolvimento urbano, industrial e tecnológico deveria acontecer sem o controle do Estado e dirigismo. Pois, segundo o poeta, o apego ao Estado, criado por Getúlio Vargas

⁷ Referência irônica ao livro de Vladimir Lênin *Que Fazer?* de 1902.

durante o Estado Novo (1937-1945), seria algo comum a esquerda nacionalista e aos militares, representando uma “terrível fisiologia brasileira” (PIGNATARI, 1988, p. 298).

Ele via como positivo a “era do teipe”, da TV e do “prodígio” do “consumo”: “A democracia capitalista é um fato” (PIGNATARI, 1988, p. 53). Assim, “o povo não está interessado em produzir, mas em consumir” e “entre os bolcheviques e os mencheviques, ficamos com os mediaviques.” O “brasileiro” em particular teria “vocação do prazer, não a vocação da dor como propalam os falsos revolucionários” (PIGNATARI, 1988, p. 288).

Um horizonte de expectativas não parece mais ser um tema relevante, pois, como afirma: “Tornou-se claro para mim que o povo derrubará qualquer governo que não lhe assegure ao menos o nível de bem-estar conquistado, pouco contando partidos e ideologias. Para manifestar seu desagrado, ele se mexe. Como? Votando.” (PIGNATARI, 1988, p. 60) Seria um panorama promissor da sociedade de consumo, midiática, liberal-democrática e capitalista.

A crônica *Utempia brasileira* de 19 de janeiro de 1987 colocava de um lado a suposta esquerda estatista e de outro a visão desreguladora e urbano-industrial:

Não teremos o nosso Gramsci, o nosso anti-Stalin e o nosso anti-Vargas, enquanto os nossos sociólogos e ideólogos permanecerem mesmorizados pela utopia maximalista paralisante da estatização global (“Ensino gratuito para todos”). O avanço social do Brasil tem de passar necessariamente por um dinâmico período de privatização, única forma de redimensionar as tarefas do Estado e safar-se do sanduíche de ferro Poder Armado/Igreja, única forma de desmantelar o paternalismo estadonovista cooptador e de lançar a classe operária do campo e da cidade a novos patamares de ação inovadora. (PIGNATARI, 1988, p. 299)

“Privatização”, “paternalismo”, “ação inovadora”, etc. são palavras que poderão ser encontradas a partir dos anos 1980 no discurso neoliberal. O período de mudanças globais em que Pignatari escreve suas crônicas coincide com o começo daquele que foi chamado pelos especialistas de pós-modernidade, alta modernidade, modernidade reflexiva, supermodernidade, segunda modernidade, hipermodernidade, modernidade tardia, modernidade líquida, etc. Mas, o final do século passado e começo do XXI foi também o da modernidade neoliberal (BRESSER, 2014, p. 92).

Após os Trinta Anos Dourados do Capitalismo industrializante (1949-1978) do após-Segunda Guerra vieram os Trinta Anos Neoliberais do Capitalismo financeiro

(1979-2008).⁸ A hegemonia da ideologia neoliberal, com os governos de Margaret Thatcher (1979-1990) na Inglaterra e Ronald Reagan (1981-1989) nos EUA, buscava o fim do Estado de Bem-estar Social desmontando a atuação dos governos nas áreas de saúde, previdência, moradia, cultura, etc. Tendo como inimigo o que achavam ser o gigantismo estatista, o neoliberalismo defende.

o individualismo e a individualização, a falta de valores compartilhados e de solidariedade, a culpabilização das vítimas para explicar a pobreza e a exclusão, a reação crescente contra os imigrantes pobres, a insegurança e o risco por toda parte, o caráter líquido e indefinido das relações sociais, o relativismo generalizado combinado com o fundamentalismo de mercado (BRESSER, p. 2014, p. 87).

As críticas de Décio Pignatari a utopia das esquerdas e do dirigismo estatista, conscientemente ou não, incorporaram elementos do neoliberalismo nascente:

Vamos continuar com o capitalismo paternalista de Estado ou vamos partir para a grande aventura da capitalização de fronteira da empresa privada? Depois de meio século de estatização, estão maduras as condições para, digamos, meio século de privatização, com todo o processo consequente, que implica, necessariamente, o desmantelamento de todo o sistema corporativista montado pelo Estado Novo e pelo varguismo. (PIGNATARI, 1988, p. 283).

Junto com o elogio da pós-modernidade presentista, anti-utópica, fluída e das mídias vinha a modernidade neoliberal. Pignatari via uma luta interna no país entre o “Brasil industrial [que] busca dinheiros privados” e “o Brasil rural [que] busca os dinheiros estatais: esta é a lei”. Assim, precisaríamos de “uma fortíssima expansão do capital privado” contra o “estatismo atual” que “não apenas mascara como ameaça a nova imagem do Brasil.” (PIGNATARI, 1988, p. 77; 300)

Essa combinação de pós-modernidade e modernidade neoliberal fica claro na proposta, defendida em muitas de suas crônicas para *Folha de São Paulo*, de uma política cultural anunciada como contribuição para o debate da abertura e redemocratização. Ele confiava que “o setor privado” poderia “alocar verbas culturais” “sem passar pelas mãos de areia do setor público”. Defendia ainda: “sou contra a criação de um Ministério da Cultura, como sou a favor de uma substancial desestatização da cultura. [...] O que é preciso é que cessem a proliferação e a expansão de órgãos culturais estatais, em todos os níveis – municipal, estadual e federal.” Por fim, seria preciso descentralizar as produções

⁸ Em 2008 ocorreu a primeira crise da hegemonia neoliberal com a crise financeira global que começou nos bancos e mercado imobiliário dos EUA.

culturais liberando “emissoras alternativas de rádio e televisão” (PIGNATARI, 1988, p. 100; 107-108; 198).

Defesas que estavam ligadas a suas teorias do pós-nacional e do produssumo. No pós-nacional a cultura brasileira, longe do nacionalismo, estaria integrada no mercado internacional cultural. O produssumo seria a capacidade crítica de unir produção e consumo nas sociedades de massa usando TV, imprensa e rádio alternativos (AGRA, 2017, p. 79). Essas ideias levaram Pignatari a criticar a Lei nº 7. 505 de 1986, conhecida como Lei Sarney para Cultura. Ela visava estimular, por meio de dedução de impostos, investimentos privados na produção artística. Para o poeta era uma medida insuficiente em função da burocracia e do controle estatal sobre o que poderia ser patrocinado, gerando risco de censura (PIGNATARI, 1988, p. 267).

Considerações finais

Recapitulando nossos tópicos, na introdução apresentamos o objetivo de analisar as crônicas políticas de Décio Pignatari, destacando como a sua escrita reflete o Brasil pós-ditadura. Em “*pobre brasil!*”, Pignatari expressa suas esperanças e frustrações na redemocratização, com postura crítica e ambivalente. O capítulo “*Diretas Já e a Ditadura desinculpada*” aborda a luta por memória e a frustração diante da democracia inconclusa. Em ““*antifesta*” da nova república”, Pignatari retrata o desencanto com os primeiros anos da Nova República. Em “*Brasil presente e o presente do Brasil*”, Pignatari critica a valorização excessiva do agora e a negligência das questões profundas do país. Por fim, as considerações finais ressaltam, seu olhar crítico e desiludido, mostrando como a leitura contribui para a memória social e a reflexão sobre o presente.

[...] acho que o que dançou foram as grandes ideologias, os grandes sistemas, os grandes guarda-chuvas; sejam científicos, sejam políticos, sejam das mídias que querem explicar tudo e dominar tudo. Uma lei geral para tudo: isto que dançou. Agora o que há são pequenos grupos, pequenas verdades. Em muitos graus, muitos níveis que buscam uma verdade maior. [...] Por que as grandes verdades sistêmicas e sistemáticas dançaram. **Pode ser que voltem ainda um dia, no Terceiro Milênio** (PIGNATARI, 1989 [Grifo nosso]).

O presentismo de Décio Pignatari não é absoluto. Ele deixa em aberto a possibilidade de retorno das ideologias abrangentes. Na sua aposta no “aqui-e-agora” surge uma volta às memórias pessoais. Em muitas crônicas as lembranças de amigos artistas e escritores aparecem trazendo um tempo em que havia sonhos de um mundo melhor que desapareceu na História: “A gente lutava junto com o Partidão [PCB], e o

Partidão entregava tudo – ao sistema ou ao Stalin. Bem cedo começou a desmoralização ideológica das esquerdas” (PIGNATARI, 1988, p. 307).

Seria preciso aprofundar as pesquisas sobre Décio Pignatari para compreender as memórias nos livros *Rosto da Memória* (1986) e *Errâncias* (2000), seu romance *Panteros* (1992), seus ensaios de semiótica e sua poesia na passagem do século XX para XXI e as relações que mantém com as observações políticas presentistas publicadas na *Folha de São Paulo*. Sua obra ainda desperta interesse, como demonstram a realização da exposição *Arquivo Décio Pignatari: um Lance de DADOS* no Centro Cultural São Paulo, realizada entre 20 de agosto a 25 de outubro de 2015, e a republicação de suas poesias completas pela editora Companhia das Letras em 2025.

Destacamos por último que o livro *pobre Brasil!* apresenta a luta entre a “corrente de pessimismo” e a “corrente de otimismo”. De fato, as “notas de otimismo” “um tanto desbotadas” aparecem soltas pelos textos. Em alguns momentos para Décio Pignatari era possível “uma nesga de ouro sobre azul” no “quadro bufo-horrendo” quando podia dizer: “sim, a democracia brasileira é possível. Sim, eu digo sim (Caetano Molly Bloom).” Mas, o balanço final que fica para o leitor é de que há mais razões para desesperanças do que para esperanças (PIGNATARI, 1988, p. 307; 165; 201; 275).

A escrita de Décio Pignatari revela uma consciência de que ele vivia transformações decisivas. Por outro lado, mostra que estava próximo demais dos eventos para que fosse possível lançar um olhar para além de Brasília e São Paulo. O pessimismo do poeta deixava escapar a efervescência dos movimentos sociais – sindicais, de bairro, feminista, negro e por moradia – que contribuíam para o processo de democratização “por baixo” contrastando com os conchavos políticos da cúpula dos governos que tanto o deixava pessimista (FERREIRA, 2018, p. 28-34).

Referências

Fontes

PIGNATARI, Décio. **pobre Brasil!** [Crônicas publicadas no jornal *Folha de São Paulo* entre 1983 e 1987]. São Paulo: Pontes, 1988.

PIGNATARI, Décio. **Cultura pós-nacionalista** [textos publicados na imprensa entre as décadas de 1980 e 1990]. São Paulo: Imago, 1998.

PIGNATARI, Décio. Apresentação. **Retrato do amor quando jovem**. São Paulo: Imago, 1990.

PIGNATARI, Décio. **Poesia pois é poesia**. (1950-2000). São Paulo: Ateliê, 2004.

PIGNATARI, Décio. **RODA VIDA** – Décio Pignatari. 1h 27min 25s. Programa de TV. TV Cultura/SP. São Paulo, 1989. <www.youtube.com> Acesso em: 22/09/2023.

Bibliografia

AGRA, Lucio. **Décio Pignatari**. São Paulo: Educ, 2017.

BRESSER-P., Luiz C. Modernidade neoliberal. **Revista Brasileira de Ciências Sociais**, 29 (84), fevereiro 2014.

DANTAS, Vinícius de Ávila; SIMON, Iumna Maria. **Poesia Concreta**: seleção de textos, estudos biográficos, histórico e crítica. São Paulo: Abril Educação, 1982.

FERREIRA, Jorge. O Presidente accidental: José Sarney e transição democrática. In: DELGADO, Lucília de A. Neves (org.). **O Brasil Republicano**: o tempo da Nova República. Da transição democrática à crise política de 2016. Quinta República (1985-2016). Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2018.

GAGNEBIN, Jeanne Marie. O preço de uma reconciliação extorquida. In: TELES, Edson; SAFATLE, Vladimir (org.). **O que resta da ditadura**. São Paulo: Boitempo, 2010.

HARTOG, François. **Regimes de Historicidade**: presentismo e experiências do tempo. Belo Horizonte: Autêntica, 2015.

KHOURI, Omar. Non multa sed multum: parcimônia e prodigalidade na obra de Villari Herrmann. **Revista Gama, Estudos Artísticos**, 4 (7): 24-33. 2016.

KINZO, Maria D'Alva Gil. A democratização brasileira: um balanço do processo político desde a transição. **Perspectiva**, São Paulo, v. 15, n. 4, p. 3-12, 2001.

KOSELLECK, Reinhart. **Futuro Passado**: Contribuição à semântica dos Tempos Históricos. Rio de Janeiro: Contraponto - PUC Rio, 2006.

NAPOLITANO, Marcos. **Cultura brasileira**: (1950-1980). São Paulo: Contexto, 2001.

NAPOLITANO, Marcos. **Coração civil**: a vida cultural brasileira sob o regime militar (1964-1985) – ensaio histórico. São Paulo: Intermeios, 2017.

PRADO, Luiz Carlos D. LEOPOLDI, Maria Antonieta P. O fim do desenvolvimentismo: o governo Sarney e a transição do modelo econômico. In: DELGADO, Lucília de A. Neves (org.). **O Brasil Republicano**: o tempo da Nova República. Da transição democrática à crise política de 2016. Quinta República (1985-2016). Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2018.

RIDENTI, Marcelo. Artistas e intelectuais no Brasil pós-1960. **Tempo Social**, revista de sociologia da USP, 2005, v. 17, n. 1.

SIEBERT, Silvânia. A crônica brasileira tecida pela história, pelo jornalismo e pela literatura. **Linguagem em (Dis)curso** – LemD, Tubarão, SC, v. 14, n. 3, p. 675-685, set./dez. 2014.

Sites

<wikipedia.org>

<aulete.com.br>

<www12.senado.leg.br>